



PRECARIZAÇÃO DA MATERNAGEM E INTENSIFICAÇÃO DO FAZER CIÊNCIA NO SUL GLOBAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA PANDÊMICO.

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

BÖSCHEMEIER; Ana Gretel Echazú¹

RESUMO

*Todo es muy simple mucho
más simple y sin embargo
aún así hay momentos
en que es demasiado para mí
en que no entiendo
y no sé si reírme a carcajadas
o si llorar de miedo
o estarme aquí sin llanto
sin risas
en silencio
asumiendo mi vida
mi tránsito
mi tiempo.
Idea Vilariño*

Introdução

O presente texto está situado nas discussões de uma antropologia que dialoga com os feminismos em perspectiva descolonizadora, os direitos humanos e a ética do cuidado interseccional [1,2,3]. Dentro do estilo do relato de experiência pandêmico, estimulado pelo torrente de produções científicas e culturais vinculadas ao tempo em que transitamos o impacto da COVID-19 [4], ele representa a tentativa de continuar a desenvolver um olhar que questiona tanto o adultocentrismo quanto o falocentrismo das nossas instituições acadêmicas [5], mas que se reconhece sujeito às pressões invisíveis delas. Sinaliza, também, a busca, mais exausta do que exaustiva, por articular a experiência de viver em uma sociedade patriarcal, adaptada a ciclos de vida, práticas, corpos e cotidianidades masculinas que marcam a normalidade *por default* e a uma sociedade logocêntrica, que prioriza o ideal platônico da cognição, os conceitos, e os textos argumentativos como sendo a forma mais prístina de conhecimento.

¹ Universidade Federal de Rio Grande do Norte, gretigre@gmail.com

Problematização

Nesta apresentação, proponho somar à discussão sobre como a pandemia precarizou ainda mais os espaços de cuidado materno, especialmente nos países do Sul Global [6]. Restrinjo aqui meu olhar a professoras universitárias ou acadêmicas com ingressos estáveis que, durante a pandemia, dispuseram sua força de trabalho em entornos virtuais, gerando rotinas reguladas pela ansiedade e pelas demandas de seus entornos -pares, discentes, etc. Neste sentido, meu interesse é em não generalizar uma experiência que não corresponde a todas as mulheres-mães neste período, pois certamente essa experiência é minoritária e desde um ponto de vista de classe, privilegiada. Contudo, penso que é importante contribuir para traçar esse perfil feminino profissional onde a empregabilidade tem definido uma nova forma de precarização e sobretrabalho não vista no nosso sul global antes da pandemia.

Durante a pandemia, professoras e acadêmicas com emprego estável voltamos-nos para nossos núcleos domésticos, conciliando trabalho assalariado e trabalho invisível - e foi nesse terreno do invisível que os cuidados se multiplicaram de forma exponencial. Sem a possibilidade de terceirizarmos os cuidados nas escolas, centros comunitários e nos outros espaços de formação que nossas crianças costumeiramente frequentavam, nos vimos esquizofrenicamente abraçando a única certeza de um trabalho estável em um mundo onde redes de parentesco, práticas sociais costumeiras e naturalizadas, a própria expectativa de um futuro não distópico se desabavam. Ao mesmo tempo, precisávamos criar, cozinhar uma comida saudável, mexer o corpo, rolar com nossas crias no chão. A vulnerabilidade do medo da morte foi um sentimento maior para quem, como eu, não conta com uma rede de apoio forte.

Metodologias

Uso a ferramenta da autoetnografia [7] através do relato de experiência situado em termos interseccionais [2], com observações situadas do que se constituiu como o “espaço coletivo virtual” da pandemia em etnografias virtuais [8] e complementando com uma revisão bibliográfica do estado da arte sobre os temas maternagens, trabalho virtual, trabalho acadêmico e pandemia.

Produção compulsória, circulação de crianças e contratos sociais

Há uma série de estudos sobre mulheres-mães cujos trabalhos se encontram vinculados ao meio acadêmico (sejam estudantes ou professoras), onde é relatado que a pandemia as afetou ao ponto em que desaceleraram seu ritmo, desfocaram da rotina de produção científica e se tornaram muito menos ativas [9]. Outras priorizaram, não sem culpa, a escolha dos cuidados [10]. Outros estudos indagam sobre os efeitos não somente do isolamento físico, mas também dos processos de luto que levaram a quadros de depressão, impactando diretamente no engajamento laboral das mulheres-mães vinculadas ao meio acadêmico [11].

Contudo, tenho visto poucos trabalhos que relataram uma espécie de aumento compulsório de produtividade que quero narrar aqui. Essa seria a minha outra parte da história, talvez não representativa numericamente, mas que, através da indagação na particularidade do caso, possa fornecer elementos para pensar outros casos particulares e até mesmo movimentos mais gerais, talvez não completamente explícitos. E mesmo porque um aumento da produtividade não significa necessariamente um alegre engajamento na produção de conhecimento, mas talvez possa significar uma - precária - forma de elaborar ansiedade, angústia e medo das perdas.

Outro dado observado é que as redes de cuidado extradomésticas que mais se viram afetadas

durante a pandemia foram aquelas estabelecidas por contrato, já que dentro das redes familiares as crianças continuaram a circular, negociando níveis de risco e tensionando possibilidades dentro do espaço familiar. Contudo, as redes vinculadas a espaços de educação formal e comunitários foram suspensas, demonstrando a fraqueza da intervenção estatal no que diz respeito à garantia, para mães e crianças de famílias solo e sem densos tecidos familiares, à própria existência e bem viver. As mães solo somos impelidas a abraçar esses esquemas familiares, gravitando em torno de alguma figura masculina forte. O contrário nos deixa em um lugar solto, nos desenvilha do tecido social, e nos deixa vulneráveis a um maior sofrimento mental [12].

Falocentrismo pandêmico: um paradoxo?

A pandemia impactou de forma diferenciada profissionais das diversas profissões. Profissões de “caneta e papel” se reinventaram. Dentro delas, a antropologia recorreu febrilmente à pesquisa em entornos virtuais, antes desencorajada como “pouco séria” e insuficiente para alcançar o padrão do ethos antropológico do “estar lá” [8]. Por sua vez, as mulheres vinculadas a qualquer tipo de produção de conhecimento formal - professoras, acadêmicas, jornalistas, etc. - temos elaborado e rido de memes que demonstravam nosso terror frente ao novo “link” enviado para mais uma “live”, evento, curso, webinar, etc. Ainda que previamente existentes, essas ferramentas desvendaram a sua potencialidade social - e produtiva - durante a pandemia. Redes densas virtuais, contatos internacionais, trocas, menos tempo de deslocamento. Isso têm se refletido nas nossas taxas de publicações, encontros, eventos, participações etc. Contudo, qual foi o preço desta participação aumentada?

O que pode ser visto como uma “adequação” a uma dinâmica acadêmica febril há tempos vivenciada pelas cientistas do Norte Global, pode ser também lido como uma progressiva precarização das nossas relações laborais e um entranhamento ainda maior do capitalismo neoliberal dos nossos corpos e dos nossos tempos a acontecer, silenciosamente, no interior dos nossos espaços de convívio. Sustentamos nossos equipamentos, sustentamos o cuidado das nossas crianças, e precisamos continuar a sermos produtivas.

O termo “falocentrismo” [5] se refere à centralidade do logos no pensamento ocidental, e é utilizado na crítica feminista, pós-estruturalista e pós-colonial para denotar a dominação masculina/racista/colonial, evidente no fato do falo e o logos convergirem na sua aceitação epistemológica, cultural e política como pontos de referência da prática acadêmica, que embrenham-se com a prática acadêmica desde as primeiras instâncias formativas, e constituem-se como um pólo de atração para as mulheres cientistas na busca de validação das suas trajetórias profissionais.

Avançando em uma hipótese que emerge através da reflexão sobre a minha própria experiência, observo uma contradição, um tensionamento, um paradoxo frente ao qual temos nos encontrado: durante a pandemia, temos roubado horas ao sono para escrever textos, fazer *mais ciência* em horas estranhas, solitárias, na tela dos nossos *laptops*. O falocentrismo dita nossas estratégias, e avançamos em terra alheia: escrevemos textos, publicamos, gozamos na ilusão de termos mais espaço e tempo para potencializar nossa criatividade e produtividade acadêmica. Mas a produção científica, e muito especialmente os textos escritos, estabelecidos pelo paradigma Ocidental moderno como sendo o cerne da discussão científica, se mostram insensíveis aos sotaques, tons, barulhos de fundo. O texto escrito promove uma higiene intelectual que muitas mulheres cientistas temos abraçado como fuga das precariedades da maternagem, especialmente na pandemia. No contexto das trocas pandêmicas, há uma vertigem epistemológica rampante: o que não pode ser descorporificado, não existe. A presencialidade do que está por volta da visualidade e da individualidade intrínseca das telas configura a precariedade dos mundos esquecidos que, como

aqueles citados por Jean Tronto [13], continuam a se parecer com os mundos do trabalho do cuidado que alimentam há séculos o mundo logocêntrico, capitalista e colonial.

Por melhores práticas: um deslocamento na escrita

Write yourself: your body must be heard.

Helene Cixous [14]

O presente relato pode ser lido a partir de critérios de validade interna e de validade externa. Como enfrentar essas forças enganosas que nos tornam mais produtivas externamente ao mesmo tempo que nos precarizam internamente? A socialização de discussões em torno da saúde mental e do bem viver das mulheres-mães dentro e fora da comunidade científica é uma alternativa urgente. Por sua vez, tememos ser vistas como profissionais “pouco sérias” quando nossas crianças aparecem nas telas, mas também sabemos que é um tensionamento ativista necessário para gerarmos mundos e pesquisas melhores, para nós, para nossas crianças e para a sociedade como um todo.

Referências bibliográficas

[1] GUILLIGAN, C. (1982). *In A Different Voice*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

[2] CRENSHAW, K. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review*. *Women of Color at the Center: Selections from the Third National Conference on Women of Color and the Law*. v. 43, n.6, p. 1241-1299. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/1229039>.

[3] ARAÚJO, A. B. (2019). Da ética do cuidado à interseccionalidade: caminhos e desafios para a compreensão do trabalho de cuidado. *MEDIAÇÕES - REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, v. 23, p. 43.

[4] ELSE, H. (2020). How a torrent of COVID science changed research publishing — in seven charts. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-020-03564-y>

[5] SPIVAK, G. C. (1997). Displacement and the discourse of woman. In Holland, N. (ed.), *Feminist Interpretations of Jacques Derrida*. Pennsylvania State University Press University Park, pp. 43-71.

[6] SOUSA SANTOS, B. (2010). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SOUSA SANTOS, B.; MENESES, M. P (Eds.), *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, pp. 31-83.

[7] EISENBACH, B. B. (2016). Diving into Autoethnographic Narrative Inquiry: Uncovering Hidden Tensions Below the Surface. *The Qualitative Report*, 21(3), 603-610. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2016.2312>

[8] MILLER, D. (2012). Digital Anthropology. London: Berg.

[9] STANISCUASKI, F. et al. (2021). Gender, Race and Parenthood Impact Academic Productivity During the COVID-19 Pandemic: From Survey to Action. *Front. Psychol.*, 12 May 2021 <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.663252>

[10] COLLINS, C. et al (2020). Covid-19 and the gender gap in work hours. *Gend. Work. Organ.* 28, 101-112. doi: 10.1111/gwao.12506

[11] MORTAZAVI, F., MEHRABAD, M., & KIAEETABAR, R. (2021). Pregnant Women's Well-being and Worry During the COVID-19 Pandemic: A Comparative Study. *BMC Pregnancy and Childbirth*, 4(21), 1-22.

[12] NICHOLSON, S. et al (2020). Parents with Mental and/or Substance Use Disorders and their Children. Lausanne: Frontiers Media SA. doi: 10.3389/978-2-88963-383-8

[13] TRONTO, J. (1993). "Beyond Gender Difference to a Theory of Care," in *An Ethic of Care: Feminist and Interdisciplinary Perspectives*, Mary Jeanne Larrabee (ed.), pp. 240-257. New York: Routledge

[14] CIXOUS, H. (1976). The laugh of the medusa (trans. K. Cohen and P. Cohen). *Signs*, 1(4), 875-893. (Original work published 1975.).

PALAVRAS-CHAVE: autoetnografia, ética do cuidado, falocentrismo, interseccionalidade, Sul Global